

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

DEZEMBRO DE 1902

N.º 12

## Contos para contar

### III

#### Observações diversas e exemplares inéditos

Architectar a historia d'estes modestissimos auxiliares do calculo, que floresceram em Portugal até um pouco alem do termino da idade media, é empresa de temerosa responsabilidade, na carencia de elementos, autorizados, com que o estudioso possa habilitar-se; porem, tanto quanto os esforços da investigação permittiram, algo interessante vamos aqui offerecer á curiosidade insaciavel dos numismatas portugueses.

A vida dos contos foi muito restricta. Examinados os exemplares hoje conhecidos, sabe-se que, desde o reinado de D. Fernando até o fim do de D. João III, corresponderam aos *jetons*, *jetoirs*, ou *jects* franceses, cujo emprego na contabilidade pratica foi indispensavel.

Os algarismos romanos, e algumas letras do alfabeto, com que se escrituravam quantias em dinheiro, não desenvolviam o calculo arithmetico. Para sommar não era possivel a collocação das parcelas seguintes em vertical:

$$\begin{array}{r} \overline{\text{iiijiii}}^{\text{e}} \text{xx reaes; ou } 4\text{§}320 \text{ reaes,} \\ \overline{\text{xx}} \text{bj}^{\text{e}} \text{ reaes, ou } 21\text{§}600 \text{ reaes,} \\ \overline{\text{xxxijijij}}^{\text{e}} \text{ reaes, ou } 32\text{§}400 \text{ reaes.} \end{array}$$

Esta escrituração macabra, usada pelos nossos maiores, fará cerrar os labios do mais serio guarda-livros; comtudo não existia outra.

A difficuldade vencia-se com o auxilio de discos de metal assinalados, os *contos*, convenientemente dispostos em filas, por secções. A victoria dependia da boa ordem na situação dos combatentes, como veremos.

Desde a mais afastada antiguidade substancias diversas, sob varias formas derivadas da natureza, como pequenos frutos de casca resis-

tente, fracções de ossos, conchas ou seixinhos rolados na correnteza dos rios, auxiliaram o rude calculo do homem primitivo, que apenas pelos dedos das mãos contava até uma dezena, ingenuamente, como ainda hoje contam os selvagens da Nova Guiné e os naturaes dos agrupamentos insulares, separados do convívio civilizado nos mares da Oceania. Ha mesmo povos que no computo não chegam a tanto.

É provavel que alguns sinaes e traços prehistoricos, que a archeologia não decifra satisfatoriamente, esculpidos na penedia bruta, representem frases de contabilidade escrita, referindo-se a quantidades de inimigos, mortos em pelejas, ou de peças de caça grossa abatida. O homem primitivo commemoraria assim a lembrança de façanhas, excepcionalmente arrojadas, receoso que a tradição oral a não guardasse fielmente. E porque não se commemoraria a heroicidade prehistorica?

Fontenoy, a pag. 124 e seguintes do *Manuel de l'amateur de jetons*, edição de Paris, 1854, diz que, segundo Herodoto, os Egypcios e os Gregos se serviam de pequeninos seixos para as suas operações de contar. Os Romanos, nos tempos aureos da sua civilização, usaram de pedaços de marfim, *calculi*, e então dizia-se *ponere calculos* e *calculus detrudere*. Os mestres de arithmetica chamavam-se *primi numerorum arénarii*. Os jurisconsultos chamavam-lhes *calculones*, quando eram escravos, e *calculatores*, quando homens livres.

Desde o seculo XII, na Europa central principalmente, usaram-se discos de metal, cujas gravuras, em vez de allusões expressivas da applicação a que eram destinados, celebravam nascimentos, matrimonios, obitos, combates, milagres, adulações de toda a ordem offerecidas aos grandes senhores, e por vezes a satira melindrava temas de aspirações legitimas, ou nuvens tomadas por Juno. E o commercio com taes auxiliares alargava os tentaculos entre povos na conquista da prosperidade.

Vemos, pois, que o metal assinalado se relacionou materialmente com o calculo desde longa data. Mas por que processo eram obtidos resultados justos, verdadeiros? É ainda Fontenoy quem nos informa. Transcrevemos textualmente as palavras do autor.

«Depuis les temps les plus reculés, jusqu'au règne de Louis XV, et peut-être plus tard, les membres des chambres de finances, les employés des bureaux dans les administrations et les marchands eurent un meuble particulier que nous allons essayer de décrire. C'était un comptoir, nommé *abaque*, qui fit remplacer le mot *calculi* par celui de *abaculi*.

L'abaque, en forme de table, se composait d'une surface plane divisée par des liteaux peu saillants qui formaient des rainures ou cases.

Chaque case se terminait par un trou rectangulaire donnant ouverture dans un tiroir également divisé par de petites cloisons correspondant aux liteaux. Ce comptoir était destiné à l'emploi des jetoirs comme éléments de calcul.

Lorsqu'un marchand venait de faire une vente, il prenait des jetoirs et en déposait dans chaque case, en commençant par la gauche, autant qu'il y avait, dans le prix de sa vente, d'unités, puis de dizaines, de centaines, etc. Lorsqu'il manquait une ou plusieurs unités décimales, le zéro dont nous nous servons dans ce cas était remplacé par le vide.

Après cela, pour se rendre compte du résultat du trafic pendant une journée, ou tout autre laps de temps, on ouvrait le tiroir et on prenait dans le premier compartiment à gauche tous les jetoirs. On en ôtait dix autant de fois que possible, en y laissant le reste, et on plaçait dans le compartiment suivant des jetoirs en nombre égal à celui de fois dix retirés du premier. On continuait ainsi pour chaque compartiment, en marchant de la gauche vers la droite. En un mot, on faisait une véritable addition mécanique, et en définitive, on avait le nombre d'unités, de dizaines, etc., exprimant le produit de la journée.

Il était aussi facile, et on trouvera peut-être ce mode meilleur d'opérer dès le début par la droite; dans ce cas, le résultat trouvé est le nombre total représenté par les pièces, exactement dans l'ordre où nous plaçons nos chiffres.

Le marchand qui procédait par vingtaines pour le premier compartiment, par dizaines pour le second, avait en fin de compte, dans le premier les sous, dans le second les livres ou francs, puis les pistoles, etc.»

Ainda acêrca do modo como se realizavam as operações do calculo, consulte-se *L'arithmétique de Jean Trenchaut, avec l'art de calculer aux jetons*. Lyon 1608.



Fig. 1.<sup>a</sup>

O liard de Nuremberg para calculo, fig. 1.<sup>a</sup>, representa um *maître à compter* sentado junto do *abaque* e pondo em ordem conveniente os seus *jetons*.

Provavelmente houve em Portugal movel proprio para recolher e contar os *contos*, porem não chegou á actualidade a palavra que o designava, se a havia em especial. E quantos vocabulos portuguezes se perderam por falta de cuidado em recolhê-los opportunamente!

O P.<sup>o</sup> Raphael Bluteau, um estrangeiro, prestou relevante serviço á lexicographia portuguesa, porem nada nos disse acêrca dos *contos*, cuja memoria não estaria inteiramente perdida no século XVII. D'elles não existe hoje qualquer derivação, ridicula ou séria, na linguagem popular. Silencio em toda a linha. Em França ainda corre o proverbio — *Faux comme jeton*.— acêrca de homem que tenha ideias aparentemente honestas, porque o *jeton*, batido em latão, quando era novo assemelhava-se ao ouro. †

Os dicionaristas continuadores da obra de Bluteau guardaram identico silencio, e aquelles estudiosos que rebuscam sensações fortes nos archivos do Estado ainda não encontraram vestigios dos sulcos abertos pelos *contos* na lavra que realizaram através da economia popular de outr'ora.

Pelas malhas largas da rede varredoura dos nossos chronistas seria enorme a concorrência de factos que passaram tranquillamente ao olvido. Aquelles obreiros da memoria do passado não foram tão cuidadosos que seguissem passo a passo a successão dos acontecimentos, como os historiadores actuaes a seguem em todo o mundo civilizado, para que, nada escapando ao registo, não falte aos homens do futuro o por-menor historico mais simples da tumultuosa complexidade de factos, relacionados com a existencia das nações.

Pode presumir-se que em Portugal houve homens que foram peritos no calculo, não menos que os estrangeiros.

A sciencia de *bien jeter* era de alto apreço em França; até constituia prenda especial entre o sexo feminino, bem considerada na serie dos requisitos indispensaveis aos merecimentos de uma boa dona de casa, e tinha valor bem cotado entre pretendentes ao matrimonio.

Ignoramos se na educação portuguesa as noivas nos seculos XIV e XV manejavam *contos* com pericia, igual áquella com que entre a roca e o fuso entretiveram tardes e largos serões habilitando-se na arte de fiar bem.

Os *contos* são typicos e absolutamente originaes; as suas gravuras não tem semelhanças com as de outras especies metallicas de parentesco proximo usadas lá fora. Na sua epigraphia os gravadores começaram a revelar no tempo de D. João II o nome por que hoje são conhecidos, nas fórmas: CONTVS, CONTOS, COINTOS, COVNTVS, COMTOS, CVNTVS, COTOS, COHTOS, e o fim para que foram

criados:—PARA METES, isto é, mesteres commerciaes? officios ou artes? PARA OTEAR, talvez por CONTAR, e PERA COTAR ou COITAR, e ainda PERA CONTA. Em DINEIROS, GALARDON temos, na primeira, N por NH, e na segunda a terminação archaica -ON—-OM. Nalgumas legendas ha palavras incompletas, como VERDA, CONT, e outras a que não pode ligar-se qualquer significado, tal é a sua vacuidade, ex.: OXO, EMAC, SCHEBS, MAPS ou MAPVS. Certas abreviaturas confundem a investigação e a encaminham dolosamente nos enredos do enigma, como: OPL—DOA—NOM—NMG. Lêem-se palavras repetidas em ordem symetrica: CONTV—CONTV—CONTV—CONTV, e iniciaes na mesma disposição: V:M:V:—V:M:V:—V:M:V:—V:M:V: Abundam letras desnecessarias, que preenchem espaços mal calculados, ex.: CONTAAR, VERRDADEE. Alguns nomes proprios foram um tanto desfigurados, como: IASPAR, VALHESAR. A palavra *Portugal* apresenta tambem variedades graphicas: PVRTVGAL, PORTVG, PVRTVGL. Ha notoriamente palavras retrogadas, algumas com letras invertidas, como: VTIOO. Nas legendas em latim, que são as mais raras, é exquisita a barbaridade orthographica, ex.: PERMALETIVS, ONISS, GREIA.

Todo este cumulo de irregularidades seria indifferente ao calculador, porque, em summa, não influa nos resultados parciaes ou finaes das operações arithmeticas. Calculava-se materialmente, e neste campo de sciencia meramente pratica o analfabeto igualava-se ao letrado.

Do officio dos *contos* não descenderam gerações de factos perduraveis que houvessem de figurar nas devassas scientificas do nosso tempo.

Esses automatós das astucias lucrativas do passado apenas dizem que *utearam* . . . . , que *cotaram* . . . . , i. é, que *contaram*, e dizem-no com simplicidade tão rude, mas tão encantadora! Nem todos serviriam para o calculo; assim o cremos. Nos mais antigos do tempo de D. João I lê-se: AVE \* MARIA \* GRA \* PLENA, n.º 1520 de *L' Histoire du Travail*, por Teixeira de Aragão. Trata-se de simples senha comprovativa da presença de sacerdotes no culto religioso, ao que parece.

Para o serviço de instituições de caridade, misericordias e gafarias, emitiriam o typo n.º 18 da collecção de Meili<sup>1</sup>, que tem a legenda IN DEO MANET ET ET QVD ALEA IN CARITATE. Outras

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, v, 51-64: «Contos para contar» da collecção do Sr. Julio Meili.

variedades serviriam para premiar actos meritorios ou bons serviços prestados, como se deprehe de das duas inscrições do n.º 1:522 de *L'Histoire du Travail*: AO \* GALARDON \* COMO \* AODO e EN : LATÓR : A BON : SERVICIO, e seriam os percursores das medalhas de recompensa entre nós.

Lêem-se nomes completos de reis de Portugal nos aversos de alguns *contos*; ex.: EMANVEL no n.º 1:528 de *L'Histoire du Travail* e IOANES : III : nos n.ºs 29 a 32 de Meili. Caracterizados com o escudo de armas do reino elles tem apparencia de moedas. Foram destinados ás operações de contabilidade no real erario. Noutros d'esta classe o nome do rei D. João I foi gravado na abreviatura IHNS · (veja-se o n.º 5 de Meili). A melhor prova da asserção é a legenda do averso de um exemplar, do typo n.º 25 de Meili, que pertence ao Sr. Dr. Henrique Botelho, residente em Villa Real de Trás-os-Montes. ♦ CONTVS ♦ DE : R : P : ET ♦ A · DNOS ♦ GVINEE. *Contos do rei de Portugal*. Não esqueçamos que no reinado de D. João IV ainda havia o emprego de *Contador-mór dos contos do Reino e casa* (de El-Rei)<sup>1</sup>.

Tambem em França alguns *jetons* foram especialmente fabricados para o serviço do *Bureau des Finances du Roi*; as legendas o dizem.

Discriminam-se 5 grupos de *contos*, cada grupo com physionomia particular.

No primeiro, seculo XIV, predominam typos aproximados aos do dinheiro da epoca. Escudetes com quinas, dispostos crucialmente, e cruces da Ordem de Christo, ou semelhantes a ella, cantonadas de florões, estrellas ou aneis. Bolhão, cobre e latão. Diametros 21 a 23 millimetros.

No segundo grupo, seculo XV, ainda apparecem escudetes e cruces da Ordem de S. Bento de Avis, porém, nos reversos, ha grupos de tres torres, mós de moenda, rodas de azenha que espadanam agua, leões que caminham voltados para a esquerda, como nas moedas de cobre de Fernando V e Isabel I, reis de Castella (collecção do Sr. Condé de Penha Longa), e pelicanos que alimentam filhos com o proprio sangue. Cobre e latão. Diametros 24 a 27 millimetros.

No terceiro grupo, seculos XV e XVI, o escudo de armas do reino ostenta-se com castellos, cujo numero vae de 6 até 14. Ha letras iniciaes de nomes, escudos que parecem derivados de armas nobiliarias e quinas cantonadas de torres. Nos reversos ha espheras, nuas, ou em campo de

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, IV, 52: «Quitação a Gonçalo de Paiva, thesoureiro da Casa da Moeda de Lamego».

estrellas que parece darem a ideia do firmamento, ou em campo de nuvens esfarrapadas; algumas são ornamentadas por grinaldas de raizes arboreas, de significação enigmatica; ex.: o n.º 25 de Meili com esta ultima variedade exquisita. A marca P-O (Porto), unica que indica procedencia, mostra-se no anverso de varios exemplares fundidos. Neste grupo o cobre é menos frequente que o latão. Diametros 29 a 31 milímetros.

Ao seculo XVI pertence o quarto grupo. Tem escudetes com quinas, ou com um só ponto, cantonados por SS na maior parte dos exemplares; legendas em dois circulos. Nos reversos predomina a esphera, nua ou com globo e com ecliptica, ou sem esta. Cobre e latão. Diametro 28 a 30 millímetros.

O quinto grupo comprehende um *conto* de typo inedito, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Vae representado na fig. 2.<sup>a</sup>



Fig. 2.<sup>a</sup>

No campo um a¸or á esquerda, pousado sobre relva. Tem as asas abertas em ac¸ão de levantar o v¸o. Sobre a cabeça a data · 1 · 5 · 5 · 6 com os algarismos separados por pontos. ♦ GASPAR : MELCHIOR : BALTASAR : SCHEBS. Estes nomes dos magos, que visitaram e adoraram Christo no seu ber¸o de recém-nascido, lêem-se em *contos* mais antigos: *vide* os n.ºs 3, 4 e 12 de Meili.

No campo do reverso exhibe-se um pelourinho<sup>1</sup>, em cuja base pousam dois a¸ores que se defrontam. Symbolizam as ilhas de S. Miguel e Santa Maria, as do grupo oriental do archipelago a¸oriano, duas irmãs gêmeas que demoram na mesma latitude maritima. Á esquerda 7 a¸ores, que representam outras tantas ilhas, as dos grupos central e

<sup>1</sup> •E tem pra¸a bastante perto do mar (a cidade de Ponta Delgada) e seu Pelourinho, cadea, e tudo o mais necessario». *Historia Insulana*, pelo P.º Antonio Cordeiro, pag. 137 da edição de 1717. Por informação particular, prestada obsequiosamente pelo Ex.º Sr. José S. de Castro do Canto, muito digno secretario da Camara Municipal de Angra do Heroismo, sabemos que o pelourinho já não existe ha mais de um seculo.

occidental, voam em debandada. ✧ CONCORDIA · RES · PARVÆ · CRESCVNT. Legenda allusiva ao movimento do commercio, progressivo e remunerador quando a harmonia se manifesta nos designios. Bello exemplar de cobre. Peso 4<sup>g</sup>,48. Diametro 28 millimetros.

Na decadencia dos *contos*, no final de um systema já decrepito no seculo XVI pela influencia dos sinaes chamados algarismos arabes, admittidos nas operações arithmeticas, apparece este exemplar, rarissimo. Figura primacial entre *contos* é singular, pela data. Nenhum ourto marca incontestavelmente uma epoca. As classificações até agora ensaiadas, não diremos definitivamente concluidas, fundam-se em analogias e confrontos, mais ou menos concordes entre o character dos *contos* e o das moedas portuguezas, as quaes não foram datadas nas emissões do continente do reino antes de 1561.

Nota-se que não se commemorassem acontecimentos de interesse geral nas gravuras dos *contos*, nem mesmo assuntos da vida particular de instituições, ou de prosonagens attingidas pela celebridade. Em boa logica, para que movessem combinações arithmeticas, por officio, por condição indispensavel á sua existencia, como as machinas movem engrenagens complicadas, até anepigraphos podiam ser.

Não vemos nos *contos* antigos manifestações do genio a acompanharem a arte, embora alguns sejam sufficientemente correctos, porem no exemplar açoriano o artista exprimiu ideias, clara e precisamente. Seria elle estrangeiro, domiciliado em Ponta Delgada, homem que corra mundo, e porque vira o progresso a caminhar desassombradamente lá fóra procurasse aclimatá-lo onde vivia, como benemerito da arte, ou devoto que ensaiasse canticos novos perante o altar antigo, froixamente illuminado?

Portugal não teve *contos* batidos em metaes preciosos, apesar da sua prosperidade commercial na epoca mais brilhante dos descobrimentos maritimos. Quebrando a monotonia do latão, vulgarmente empregado nas cunhagens, encontram-se poucas variedades de cobre rubro. São rarissimos aquelles exemplares batidos em bolhão, attribuidos aos reinados de D. Fernando e de D. João I, em que a prata muito baixa figurou em numerario, ao passo que no estrangeiro o luxo dos grandes senhores e dos potentados da finança até no calculo arithmetico manifestou preponderancia. Carlos, o Temerario, Duque de Bourbon, desde 1474, serviu-se de *jetons* de ouro. Nicolay Guiduche, recebedor do condado de Flandres, operava com *jetons* de prata<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vid. *Histoire du jeton au moyen âge*, par Jules Rouyer et Eugène Hucher, a pag. 17. Paris, 1858.

Os negociantes portugueses mais opulentos tinham *contos* propriamente seus, e tambem as casas fidalgas ou vinculadas em morgadios; a variedade nas gravuras assim o indica, porem o commercio a retalho, muito mais humilde em todas as suas manifestações do que hoje o vemos fora dos grandes centros de actividade, recorria ao antigo *systema* dos egypcios e dos gregos.

Os artistas productores dos *contos* seriam os moedeiros das officinas monetarias de Lisboa e Porto, por encomendas de particulares, em *ganchos*, como os operarios dizem hoje, a não admittir-se que os ourives cubiçassem trabalhos de mediocre importancia, desequilibrados na esphera da sua acção artistica.

Em França uma lei especial prohibiu que os *typos* dos *jetons* fossem semelhantes aos das moedas correntes. É de suppor que em Portugal existisse prohibição identica prevenindo e evitando confusões de maior ou de menor vulto; comtudo o typo da moeda não foi escrupulosamente respeitado nos anversos de alguns *contos* dos seculos XIV e XVI, quanto ao aspecto geral. Não existem documentos, como alvarás de licença, referentes ao assunto, mas quaesquer providencias seriam tomadas, garantida a liberdade do fabrico sob restricções especiaes.

No campo da hypothese não repugna admittir-se que os *contos* teriam representado o papel de numerario entre particulares ou entre corporações, dispensadas provisoriamente disposições legaes em contrario.

Manoel Severim de Faria, no discurso IV de *Noticias de Portugal*, confunde contos com moedas<sup>1</sup>; talvez elle não fizesse ingenuamente esta confusão, pois no seculo d'elle os homens de idade mais avançada conheceriam tradicionalmente qualquer facta relacionado com esta materia, o qual motivasse a affirmativa.

No typo do pelicano, que era a divisa de D. João II com o distinctivo PELA LEY E PELA GREY, os n.<sup>os</sup> 16 e 17 de Meili dizem: DINEIROS DE CONTVS. A transição d'estes dinheiros para dinheiros com valor real seria facil. Ha ninharias que se tornam sympathicas ao povo, quando é acanhado o meio em que vive. No reinado de D. João I elle accitou como prata reaes de 10 reaes da lei de 1 dinheiro, em que eram necessarias 836 peças para se apurar um marco de prata de 11 dinheiros. Quem recebeu taes moedas por metal precioso accitaria os *contos* de bolhão, de cobre, e ainda os de latão, com valores mais que modestos sem murmurar uma queixa. Entretanto é mais pro-

<sup>1</sup> Cf. *O Arch. Port.*, v, 53.

vavel que a valorização fosse convencional em conjunturas especiaes, ou em tempos de crises monetarias, que urge descobrir e estudar.

Se os *contos* do typo referido, e os do typo n.º 1520 de *L'Histoire du Travail*, foram usados por corporações religiosas, corresponderam aos *mereaux* franceses, que se valorizavam. Os do *Chapitre de Saint-Jean de Perpignan* tinham curso na cidade, e tambem os de Maubeuge e de Puy. Alguns d'estes *mereaux d'église* tinham gravada a palavra MONETA <sup>1</sup>.

Não seja motivo de censura invocarem-se tantas vezes exemplos de fora para restituir phases do viver dos *contos*. Portugal, desde o seculo XIII, com maior ou menor empenho tem pautado os cambiantes do seu progresso moral e material segundo as normas civilizadoras de outros povos mais cultos, ou mais fantasistas.

Ha pouco mais de dez annos os *contos* eram considerados como inutilidades indecifreveis perante a archeologia numismatica. Vestigios de um systema pratico sem registo na historia portuguesa, condemnavam-se ás secções de refugio entre os amadores da moeda antiga, como se fossem especies indeterminadas e sem importancia. E emquanto a moeda brilhava no esplendor dos medalheiros, reverenciada, mais querida que no tempo em que fôra a melhor arma de combate nas lutas comprehendidas pelo homem equilibrando a vida, os *contos*, que a conheceram e que com ella viveram na melhor intimidade, só tinham jus ao abandono e á morte! Ultimamente, porem, mereceram muitas manifestações de apreço, e o desamor da indiferença terminou como por encanto. Os numismatas portugueses, como se acordassem de um somno lethargico antiquissimo, interessaram-se pelos *contos*, e em Lisboa o commercio de moedas e medalhas escreveu a palavra *jeton*, em vez de *conto*, em capitulo especial do livro de ganancias por conquistar.

A proposito, convem referir um successo de grande nomeada. Nos leilões de moedas, medalhas, etc., realizados nos dias 5 a 12 de janeiro do corrente anno na Casa Liquidadora, Avenida da Liberdade n.º 93 a 113, tres concorrentes lutaram, com geral espanto, na adjudicação de *contos*, que nesta imprevista mudança de scenario obtiveram preços pouco variados entre 15,500 réis e 19,500 réis. Estes preços de occasião, de luta, certamente não podem servir de preceitos para avaliações. Razoavelmente deve hoje arbitrar-se ao exemplar bem conservado a quantia de 1,5200 réis, salvo um caso de raridade inedita, em que,

---

<sup>1</sup> Fontenoy, já citado, a pag. 66.

como de ordinario succede com relação a moedas em igual circumstancia, não pode haver opinião segura.

No seculo XVII os *contos* degeneraram em senhas<sup>1</sup>, criadas para novos encargos, e na degeneração, perdido o character de moedas, marcaram-lhes francamente valores, estampados nas gravuras ou arbitrados por convenções particulares. Foram fabricadas de metaes, de marfim, de madeira e de sola. D'esta ultima substancia existe em poder do Sr. Julius Meili um exemplar, que se mostra na fig. 3.<sup>a</sup>



Fig. 3.<sup>a</sup>

No campo dois troncos de vegetaes mortos, dispostos em sentido contrário relativamente ao exergo, contém os algarismos 40. Na parte superior ha uma coroa que parece a coroa real. Na orla semicirculos irregulares, pontuados. No exergo a data 1681. O reverso é anepigrapho.

Esta especie de cunho obteve-se com modelo de ferro aquecido cuidadosamente, para não produzir lesões, de que não ha vestigio.

Esta senha com o valor de 40 réis é estranha. Exemplares identicos seriam distribuidos a trabalhadores em grandes fainas, agricolas, por exemplo. Cada senha representaria qualquer phase de trabalho frequentemente repetida. Finda a semana, ou o dia, cada trabalhador recebia a somma a que tinha direito, conforme o numero de senhas que apresentava. Para este fim a leveza da sola seria mais conveniente que o peso de metaes assinalados.

Evidentemente os algarismos 40 não se referem a um numero de ordem. Por que singular acaso appareceria um numero par, e não impar, 39, por exemplo, que nunca teve representação justa em numerario? Temos de acceitar o pséudo valor, até porque no reinado de D. Pedro II houve moedas de prata de 40 réis, ou dois vintens, marcadas com XXXX, n.º 24 da est. XXXVII de Teixeira de Aragão.

<sup>1</sup> Cf. *O Arch. Port.*, v, 53.

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe outra senha, sem data e sem valor marcado, inedita e não menos interessante. Vae representada na fig. 4.<sup>a</sup>

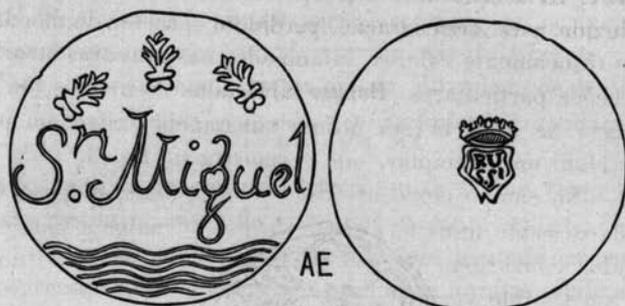


Fig. 4.<sup>a</sup>

No campo as palavras *S.<sup>a</sup> Miguel* lavradas a buril. No exergo o mar ondeante, igualmente burilado. Na parte superior do disco tres flores, vagamente semelhantes a lirios, são outros tantos carimbos de ornato, ou intencionaes.

Isoladamente, no campo do reverso ha o carimbo de dois escudos, sobrepostos, encimados por uma coroa de conde. As palavras RU-S. SI, em duas linhas, occupam o escudo do primeiro plano; são indecifráveis. Disco de cobre. Peso 18<sup>gr</sup>,15. Diametro 39 millimetros.

A redução da palavra *S.<sup>a</sup>* ou San, por São (= Santo), e o caracter das letras mostram que nos fins do seculo XVIII, ou no principio do XIX, floresceria tão interessante raridade na Ilha de S. Miguel.

Os *contos* degenerados tambem serviram de tentos para jogos, o que não é para estranhar sabendo-se que as moedas tem tido applicação identica. As tábulas de que usava um celebre jogador do gamão em Coimbra eram dobrões e meios dobrões de ouro, e assim divertiu-se principescamente.

\*

Julgamos ter adduzido algumas ideias preliminares para o estudo dos *contos*, ou calculadores portugueses, sem a pretensão de offerer iguarias de sabor esquisito a todos os paladares. A investigação do passado, obscuro e vago, d'estas antigualhas, é uma especie de relatorio justificativo da exhibição graphica de dezeseis variedades ineditas que vamos descrever. Figuram na collecção de 71 exemplares que possui o Sr. José Ferreira Braga, numismata muito distincto, residente em Lisboa.

Já foi dada noticia d'esta collecção, extraordinariamente importante, no artigo intitulado *Coup d'œil sur la Numismatique en Por-*

tugal, que o Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos deu a lume na *Gazette numismatique française*, dos Srs. Mazerolle e Serrure, Paris 1897, pp. 484-497, na secção de «Correspondencias estrangeiras» (o artigo foi reproduzido n-*O Arch. Port.*, IV, 65-76).

#### Seculo XIV

##### D. Fernando

N.º 1.—No campo cinco escudetes com quinas, dispostos crucialmente; quatro estão fixos na junção de dois circulos a par, e as suas extremidades convergem para o centro do disco, onde o quinto está collocado em sentido vertical.

R. Cruz equilateral, semelhante á da Ordem de Christo, que occupa todo o campo. É cantonada por dois crescentes e duas estrellas alternadamente; uma d'estas é maior e assim um dos crescentes. Latão em bom estado de conservação. Peso 1<sup>g</sup>,56. Diametro 21 millimetros.

Este exemplar é unico. Foi encontrado nos entulhos da demolição de uma parte da velha muralha da Alcaçova de Santarem. Julga-se que foi perdido ali por occasião do alargamento que D. Fernando mandou fazer na area do recinto fortificado da antiga villa. É attribuido a este reinado em virtude da semelhança que ha entre o seu reverso e o anverso do dinheiro n.º 48 da est. VI do vol. I de Teixeira de Aragão.

#### Seculo XIV e XV

##### D. João I

N.º 4.—✠ IHNS · DEI · GRA · REX · PO. Dentro de um circulo de globulos cinco escudetes com quinas, sendo as centraes maiores que as restantes. Quatro aneis ornamentam os espaços que separam os escudetes.

R. ✠ IHN · DEI · GREIA · REX · PO (GREIA por GRATIA). Cruz; semelhante á da ordem de Avis, cantonada por quatro aneis, dentro de dois circulos, pouco distantes um do outro, formados—o menor por um traço fino e o maior em successão continua de globulos. Bello exemplar de cobre. Peso 2<sup>g</sup>,70. Diametro 23 millimetros.

#### Seculo XV

##### D. Affonso V

N.º 8.—+ CO[N]SERVACIO : RE3 : DVLIEIAO. Dentro de um circulo collocado sobre a cruz de Avis as quinas, cujos intervallos

são separados por oito castellos. Variante do n.º 11 de Meili, em que ha quatro castellos.

R. + CONTVS ERVACIO ; RE3 : DULIEIA. Cruz num escudete ornamentado com quatro SS e quatro aneis dentro de um epicicloide de quatro globulos, igual ao que se vê no reverso dos cruzados de ouro de D. Affonso V. Este reverso é de typo identico ao anverso do n.º 13 de Meili. Bello exemplar de cobre. Peso 3<sup>er</sup>,85. Diametro 26 millimetros.

N.º 10—+ CONTVS : ERVACIO : RES : PVB. Typo do reverso do numero anterior. Legenda variada do n.º 13 de Meili.

R. + CONT + CONT + CONT + CONT. Quinas profusamente ornamentadas de pontos, aneis e semicirculos. Cobre de muito boa conservação. Peso 5<sup>er</sup>,37. Diametro 25 millimetros.

N.º 16—+ GASPAS : MELCHIOR : VALHESAR : No campo cinco estrellas; quatro estão contidas dentro de tres semicirculos cantoados de SS.

R. + IASPAR : MELCHIOR : VALTHESAR : ET. No campo a mó de um moinho sobre um suporte de madeira entre duas estrellas e dois aneis. A mó era a divisa de D. Affonso V com o distinctivo HE RODIZIO. Cunho em bolhão bem conservado. Peso 2<sup>er</sup>,78. Diametro 27 millimetros.

#### Seculos XV e XVI

##### D. Manoel

N.º 18.—+ CONT + VSPE : + RACO + NT[AR] : —Armas do reino entre dois besantes tendo por quinas cinco arruelas.

R. CONT + VS : PER—ACON + TAR—Esphera sem ecliptica com um globo no centro dentro de um circulo de perolas. Exemplar de latão, furado, porem bello. Peso 8<sup>g</sup>,30. Diametro 30 millimetros.

N.º 19.—+ CONTOS PER CONTAR + CON : D : —Armas do reino, com sete castellos e com quinas de aneis, entre dois besantes. Coroa sem cruces, muito original, cortando um circulo de perolas em que o todo está contido.

R. ♦ CONTOS P ♦ EERA ♦ VERRDADEE—Esphera com ecliptica da direita para a esquerda cortando um pequeno globo. Latão quasi sem gasto. Peso 5<sup>g</sup>,63. Diametro 29 millimetros.

N.º 23—+ CONTV + BORIO + BTEAR + E COTAR— Armas do reino com dez castellos e coroa de 5 cruces.

R. DEVISA : DE : RE + DE : PVRTVGAL—Dentro de dois círculos, a par, a esfera com a ecliptica da esquerda para a direita. Cobre de boa conservação. Peso 7<sup>g</sup>,11. Diametro 29 millímetros.

N.º 24—+ CONTVS + DOPTO + OTEAR + COTAR—Armas do reino, entre dois besantes, com onze castellos e coroa de 5 cruces.

R. DEVISA : DE : R · DE : PVRTVGL—Esphera dentro de um circulo de perolas ornamentada na parte superior. A ecliptica desenvolve-se da direita para a esquerda atravessando o globo. Exemplar fundido, de cobre, muito bem conservado. Peso 9<sup>g</sup>,47. Diametro 30 millímetros. Este *conto* e o seguinte são oriundos do Porto, como diz a abreviatura DO PTO.

N.º 26—+ CONTV + DO PTO + OTEAR + E COTAR—Armas de reino com dez castellos e coroa de 5 cruces.

R. DEVISA : DE : R : DE : PVRTVGAL—Esphera, ornamentada verticalmente, com globo e ecliptica da direita para a esquerda. Cobre, fundido, bem conservado. Peso 10<sup>g</sup>,26. Diametro 30 millímetros.

#### Seculo XVI

#### D. João III

N.º 37—+ IOANES : 3 : R · PETAID · O : C : NGETII—Armas do reino entre P—O dentro de dois círculos de perolas.

R. DEVISA . S : R : P : E PARA · METES P—Esphera com globo e ecliptica em campo de nuvens. Latão bem conservado. Peso 5<sup>g</sup>,67. Diametro 30 millímetros.

N.º 41—✠CONTOS · PERA : CON[T]AR · ∴—Cinco flores de lis, em cruz, dentro de um escudo coroadado.

R. CONTOS : ✠ : PERA : ✠ : CONTAAR : ✠ :—Esphera com ecliptica e globo. Latão bem conservado. Peso 7<sup>g</sup>,23. Diametro 30 millímetros.

N.º 44—CONTOS : ✧ : PARA : ✧ : CONTA : ✧ :—Cinco estrellas em cruz dentro de um escudo, sem coroa, ornamentado por seis semi-círculos com arruelas.

R. AOC × NO × VONIT × OVN—Esphera, com ecliptica da esquerda para a direita. Latão magnificamente conservado. Peso 5<sup>g</sup>,15. Diametro 30 millímetros.

N.º 45 — ✠:V:M:V:✠:V:M:V:✠:V:M:V:✠:V[:M:]V:—  
Entre dois besantes um escudo com pequenina coroa composta de tres triangulos. No centro cinco estrellas, separadas por quatro escudetes vasados.

R. + COITV + COITV + COITV + COITV — Esphera com globo, sem ecliptica, dentro de um circulo de perolas. Cobre de bella patina. Peso 5<sup>g</sup>,24. Diametro 59 millimetros.

N.º 50 — COMTOS PERA COMT[AR] — Armas do reino, coroadas, entre duas rosetas.

R. ✧ CONTOS ✧ P[ER]A ✧ COM[T]AR — Esphera com a ecliptica muito descaida da direita para a esquerda sem tocar no globo. Latão soffrivelmente conservado. Peso 7<sup>g</sup>,57. Diametro 31 millimetros.

N.º 60 — + COITV + COITV + COITV + COITV — Esta legenda, na orla exterior, é interrompida pelas estremidades da cruz da Ordem de Avis. Na orla interior COITVS · PERA · COITAR. Cinco escudetes com quatro arruelas que são cantonados por quatro quadrados, que parecem dar a ideia de outros tantos castellos. Entre o escudete central e o da direita ha dois pontos em sentido vertical, que parecem sinaes occultos, como os que se encontram nas moedas.

R. † COITV + COITV + COITV + COITV. No centro, dentro de um circulo formado de perolas, a esphera, sem ecliptica, com o globo no centro. Cunho de latão. Bello exemplar. Peso 8<sup>g</sup>,16. Diametro 29 millimetros. É attribuido ao reinado de D. João III pelo character das letras na legenda e pela disposição d'ella em dois circulos, como se usou pela ultima vez em portuguezes de ouro do mesmo rei.

Outros *contos* de typo identico, providos de quatro SS, como os n.ºs 50 a 54 de Meili, tem sido classificados no reinado de D. Sebastião. Porque? Por influencia d'aquellas quatro letras, que significassem o nome do rei tres vezes repetido? Nos n.ºs 8, 10 e 16 d'este catalogo, em *contos* de D. Affonso V, ha quatro SS, e tambem os ha no n.º 13 de Meili no reinado de D. João II. O escudo de armas do n.º 50 de Meili foi collocado entre dois SS, e pertence ao reinado de D. João III por ter o typo do n.º 45.

Taes letras são iniciaes de nomes de fabricantes ou emissores.

No tempo de D. Sebastião o uso dos algarismos arabes já era geral, como se vê de documentos originaes da epoca, portanto os *contos*, perdida a sua importancia primitiva, não foram fabricados para auxiliares de calculo depois que findou o reinado de D. João III.

Lisboa, Agosto de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

ESTAMPA I

1



4



8



10



16



18



19



23



